



BA
de
f.

ATA NUMERO TRÊS

ATA DA 2ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DO ANO DE DOIS MIL E VINTE E DOIS. -----

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e dois, pelas dez horas, reuniu a Assembleia Municipal da Maia na sua segunda sessão extraordinária, conforme edital de onze de abril de dois mil e vinte e dois, com a seguinte **Ordem de Trabalhos**: -----

1. HASTEAR DAS BANDEIRAS NACIONAL E DO MUNICÍPIO; -----

A cerimónia foi iniciada com o hastear das Bandeiras Nacional e do Município, pelo Senhor Presidente da Assembleia, António Gonçalves Bragança Fernandes e pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal, António Domingos da Silva Tiago, na Praça do Doutor José Vieira de Carvalho, ao som do Hino Nacional interpretado em conjunto pela Banda de Música de Moreira da Maia e pela Banda Marcial de Gueifães. A Sessão Solene Evocativa do 25 de Abril de 1974 prosseguiu no Salão Nobre D. Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho. -----

2. EVOCAÇÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974: -----

Na abertura desta Sessão Solene evocativa do 25 de abril, apresentou-se o Ensemble de Guitarras do Conservatório de Música da Maia que interpretou "Let It Be", de John Lennon e Paul McCartney, com arranjo de Vásques e rearranjo de Tiago Marques; "Arabian Nights", de Alan Menken, com rearranjo de Tiago Marques; "La Paloma", de Iradier, com arranjo de Forrest e "Grândola Vila Morena", de Zeca Afonso, com arranjo de Barceló, sob a direção do Professor Tiago Marques. -----

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA, ANTÓNIO GONÇALVES BRAGANÇA FERNANDES,

saudou todos os presentes e os que assistiam via plataforma digital e informou que na Sessão Solene iriam usar da palavra, em primeiro lugar, o Senhor Presidente da Câmara Municipal, depois cada um dos representantes das forças políticas representadas na Assembleia Municipal, por ordem inversa de representatividade, sendo depois finalizada com a intervenção do Senhor Presidente da Assembleia Municipal. -----

Usaram da Palavra os Senhores: -----



Handwritten signatures in blue ink, including a large signature and the initials 'BA'.

ANTÓNIO DOMINGOS DA SILVA TIAGO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA MAIA, que depois de fazer uma saudação a todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número um**. -----

SANDRA RAQUEL COSTA MARTINS, Deputada da Iniciativa Liberal, depois da saudação aos presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número dois**. -----

SOFIA RIOS BATISTA, Deputada Independente, saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número três**. -----

PAULA ALEXANDRA PINHO DA COSTA, Deputada do PAN, saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número quatro**. -----

CARLA SUSANA FERNANDES RIBEIRO, Deputada da CDU-Coligação Democrática Unitária, saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número cinco**. Abandonaram a sala no início deste discurso o Senhor Deputado David Augusto Duarte Tavares e a Senhora Deputada Sofia Rios Batista em sinal de protesto pelas sucessivas tomadas de posição do PCP e de Solidariedade para com o Povo da Ucrânia. -----

SÉRGIO ALFREDO CONCEIÇÃO DA SILVA E SOUSA, Deputado do Bloco de Esquerda, saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número seis**. -----

CRISTIANA MARIA MONTEIRO CARVALHO, Deputada do Partido Socialista saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número sete**. -----

CAROLINA ALMENDRA ARAÚJO ALVES DE CARVALHO, Deputada pela Coligação "Maia em Primeiro" saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número oito**. -----

ANTONIO GONCALVES BRAGANCA FERNANDES, PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA, depois de fazer uma saudação a todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número nove**. -----

Terminadas as intervenções, a Sessão foi encerrada, honrando a tradição já instituída, pelo Coral Infantil Municipal dos Pequenos Cantores da Maia, que começaram por interpretar o Hino da Europa, adaptado do célebre Hino da Alegria, de Ludwig Van Beethoven, num Arranjo da Maestrina Ana Lúcia Rouxinol que também dirige o Coral,



e que articulados com o seu patrono, o Presidente Da Câmara Municipal, António Silva Tiago, dedicou aquele momento ao Povo da Ucrânia e à Maria, uma menina de 13 anos que veio no grupo dos refugiados que a Missão "Sorrisos De Esperança – S. O. S. Ucrânia" trouxe para a Maia e já integrada no Coral Infantil Municipal. De seguida escutaram e acompanharam de pé, O Hino Nacional – A Portuguesa, De Alfredo Keil, Interpretado Pelos Pequenos Cantores da Maia, -----.

E sendo onze horas e cinquenta e oito minutos do dia vinte e cinco de abril de dois mil e vinte e dois, foi dada por encerrada a Sessão Solene, de que, para constar, se lavrou a presente ata que vai ser assinada pelos Membros da Mesa: Presidente da Mesa, António Gonçalves Bragança Fernandes, pela 1.ª Secretária, Maria Madalena Moutinho Nogueira dos Santos, e pela 2.ª Secretária, Susana Filipa Coelho Rafael. -----

O Presidente: 

A 1.ª Secretária: 

A 2.ª Secretária: 



**DISCURSO DO SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA MAIA
COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 2022**

Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia,

António Bragança Fernandes,

Na sua pessoa, cumprimento todos os autarcas aqui presentes,

Senhoras e senhores representantes das autoridades civis, militares e das forças de segurança,

Senhoras e senhores convidados,

Senhoras e senhores jornalistas,

Minhas senhoras e meus senhores,

Caras e caros maiatos,

Permitam-me que comece por citar um inspirador pensamento de Daniel Inerariti:

“A democracia só será real se assumirmos que vivemos em sociedades complexas que necessitam, ao mesmo tempo, de conseguir a legitimação e participação popular e de ter instâncias em que a delegação e o trabalho dos especialistas seja possível.”

Aqui estamos de novo reunidos para assinalar o 25 de abril, dia em que Portugal se tornou um país livre e iniciou um caminho para que se tornasse, também, num Estado de Direito Democrático.

O que caracteriza uma sociedade civilizada são os seus valores cívicos estruturantes, como a Liberdade, a Democracia, a Justiça e a Paz. Valores que não são perenes, porque se não cuidarmos de os defender e cultivar, podem sempre sucumbir às ameaças populistas e totalitárias.

Olhando para o que está hoje a acontecer no Leste da Europa, facilmente somos levados a concluir que em pleno século XXI, nenhum desses valores civilizacionais pode ser dado por adquirido, pondo em crise esse bem maior da Humanidade, como é a Paz.

Entendo que, entre nós, é importante ter presente que uma das melhores e, a meu ver, mais conseguidas formas de concretizar o 25 de abril, foi através do poder local democrático.

Handwritten signature in blue ink, appearing to be 'António Bragança Fernandes'.

Se pensarmos bem, nestes 48 anos após o 25 de abril de 1974, muitos milhares de concidadãos nossos foram eleitos autarcas e, desse modo, puderam representar os seus eleitores, tomando voz ativa e tendo intervenção efetiva na definição e na governação dos destinos das comunidades que os elegeram, participando na transformação modernizadora do país.

Senhor Presidente da Assembleia Municipal,
Minhas senhoras e meus senhores,

O poder local democrático tem atualmente em mãos, um dos maiores desafios que é também uma das suas maiores reivindicações de sempre: a descentralização de competências. E, finalmente, em 2022 e após vários avanços e recuos, a descentralização começa a ser uma realidade, num processo político que só agora está a dar alguns passos um pouco mais consistentes. Mas este é um processo em construção que só com o tempo se poderá aperfeiçoar. É um processo político que precisa de ser melhorado no seu enquadramento jurídico, que carece de ajustamento às necessidades de cada município, no quadro económico-financeiro, mas que precisa também de ser contemporizado com alguma flexibilidade no seu calendário.

Creio que, todos nesta Assembleia Municipal, temos plena consciência de que a descentralização de competências é uma das mais impactantes mudanças estruturais na governança local, com impactos a nível organizacional e, particularmente, em matéria de gestão financeira e de recursos humanos.

Num processo como este, em permanente construção, é fundamental estudar bem os problemas, equacionar soluções e ter visão prospetiva, sustentada em projeções realistas. Mas é também necessário que o governo tenha consciência que é preciso mais do que um plano de boas intenções, no qual não estão ainda contemplados métodos e fórmulas de calcular, com responsabilidade e eficácia, os recursos que podem garantir a eficiência, no cumprimento das competências transferidas.

O meu entendimento e, principalmente, a minha experiência, dizem-me que o bom-senso e um diálogo leal, franco e aberto, sem prescindir das convicções pessoais e políticas, assistidos por um arrazoado de argumentos sólidos, são os melhores instrumentos para realizar negociações sérias, rigorosas e firmes.

Maiatas e maiatos,

Como estou habituado a honrar os compromissos que assumo, a minha exigência à mesa das negociações tem essa exata medida. E isso, tem-me permitido dispensar outras formas de fazer ouvir a minha voz e fazer valer os interesses de quem me elegeu, sem cedências no que considero essencial. Assim, será esta a exigência do meu posicionamento face a este processo da descentralização perante o poder central.

Sublinho, que estou convicto de que a melhor forma de fazermos avançar a Regionalização e evitar que a descentralização se torne num *fait-divers* que sirva para tolher essa reforma maior, de que o país tanto precisa, é provar ao centralismo e aos portugueses, que o poder local democrático é competente para acolher a partilha de poderes políticos nas respetivas regiões.

Nesse sentido, a descentralização é, do meu ponto de vista, uma oportunidade para provar isso mesmo: para provar que os autarcas são capazes e competentes para levar a bom porto este exigente desafio, desde que tenham os meios imprescindíveis para o fazer.

Vencido este desafio, haverá condições para provar que a experiência política acumulada e o conhecimento concreto e próximo da realidade dos territórios, serão a melhor garantia de que o processo da regionalização tem potencial para ser bem-sucedido, embora, como é óbvio, implique um pensamento político e uma visão estratégica, estruturados para uma escala de maior magnitude.

Caros concidadãos,

Diria que ao abraçarmos este desafio político de dimensão ímpar, estaremos a valorizar a Democracia, a Liberdade, a autonomia dos poderes local e regional e a cumprir um dos maiores desígnios políticos que o 25 de abril, nos permitiu inscrever na Constituição da República, a Regionalização.

Tenho dito.

António Silva Tiago
Presidente da Câmara Municipal da Maia

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal da Maia

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal da Maia

Exmas. Senhoras Secretárias,

Exmos. Senhores Vereadores,

Ilustres Deputados,

Ilustres Maiatos

Hoje celebra-se a revolta dos militares portugueses que, a 25 de Abril de 1974, levaram a cabo um golpe de Estado militar com o objectivo de acabar com a ditadura imposta.

Mas... se o 25 de Abril de 1974 derrubou uma ditadura, o 25 de Novembro de 1975 impediu que fosse imposta sobre os Portugueses outra ditadura.

Em 25 de Novembro de 1975 findou o processo Revolucionário em Curso e iniciou o processo de estabilização da democracia representativa em Portugal. Esta é uma das datas mais importantes da história que afastou a possibilidade da miséria e opressão generalizada. Todos os que lutaram nesta data permitiram-nos estar aqui hoje a celebrar!

Assim, estas duas datas estão intrinsecamente ligadas, afirmando a liberdade e a democracia.

O que começou em 25 de Abril de 1974, concretizou-se em 25 de Novembro de 1975! E estariam sedimentadas as alavancas para a expansão e crescimento do nosso país!

Mas...muito aconteceu desde então...

Portugal é hoje um país com uma economia débil, com fracos índices de produtividade, com um nível de endividamento (quer público quer privado) muito elevado, tornando o país muito dependente do exterior, dificultando o seu crescimento e a sua expansão.

Portugal é hoje um país pouco amigo dos jovens, dos jovens à procura do primeiro emprego, dos mais experientes, dos mais qualificados, dos que se atrevem a sonhar, dos visionários, dos empreendedores.... É um país cada vez menos amigo de quem quer constituir família.

Exigimos a liberdade de escolha de poder olhar para o futuro de maneira mais risonha!

E, então, pergunto: o que podemos fazer, tanto individual, como colectivamente para melhorar o estado actual do nosso país? Para melhorar o estado actual das coisas?

Como Albert Einstein dizia *"não podemos fazer a mesma coisa repetidamente e esperar resultados diferentes"*

Para melhorar o estado actual das coisas cabe a cada um de nós, como seres únicos que somos e, em liberdade, encontrar o nosso caminho para nos realizarmos, quer pessoal, quer profissionalmente, pois cada um tem o direito de expressar o seu próprio sonho, de dirigir a sua própria vida, cabendo a cada um de nós assumir os custos e consequências da sua liberdade.

Esta liberdade com responsabilidade, deverá ser, em primeiro lugar, connosco mesmos. Pois só podemos contribuir com os outros e com a sociedade com aquilo que verdadeiramente somos!

Para melhorar o estado actual das coisas, urge que a sociedade e cada indivíduo, estejam na disposição de assumir riscos, de aceitar novos desafios, de pensar fora da caixa, de desejarem interiormente evoluir, de expandirem a consciência...sermos até um pouco *"desassossegados"*, como refere Fernando Pessoa. E que nos seja permitida ter a liberdade de errar para evoluir...pois *"A liberdade não tem qualquer valor se não incluir a liberdade de errar"*, como refere Ghandi.

Para melhorar o estado actual das coisas, que sejamos livres para também podermos ser mais criativos, inovadores, audazes, aventureiros, para gerarmos mais valor tanto para nós, para esta geração, como para as gerações vindouras.

A liberdade para que possamos construir aqui e agora o futuro que queremos ver manifestado.

A vida partilhada em liberdade com responsabilidade eleva toda a sociedade de forma inclusiva, de forma sistémica, mais agregadora.

É um instrumento de Paz, de Felicidade, de Abundância que pode ser partilhado com todos! Basta assim o querermos! Simone de Beauvoir refere que *"querer ser livre é também querer livres os outros"*.

Então, e o que podemos fazer hoje? Hoje podemos substituir o medo pela coragem ... coragem de sermos e vivermos a LIBERDADE! A liberdade de sermos quem realmente somos! A liberdade de podermos fazer o que tem que ser feito!

Porque a liberdade é o OXIGÉNIO para o funcionamento de uma democracia!

DISSE!

Sandra Raquel Martins
IL

Exm^o. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Exm^o Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmos Vereadores da Câmara Municipal da Maia

Exmos Senhores presidentes das Juntas de Freguesia

Exmos Senhores membros das Assembleias de Freguesia

Exmos Senhores deputados municipais

Minhas senhoras e meus senhores.

Antes de mais, não posso deixar de enviar um abraço solidário ao povo ucraniano, que luta há longos e duros dias pela liberdade. Força e coragem!

Nesta data, contamos 48 anos da revolução de abril de 1974, revolução que trouxe a Portugal o sonho da Liberdade, o sonho da Democracia, o sonho do povo pelo povo e de um futuro risonho para as gerações vindouras.

A liberdade pela qual lutaram os capitães de abril ainda não foi totalmente alcançada. Confundimos conceitos, sonhos e conquistas, demos liberdade a uns e privamos outros. A democracia que hoje se queria madura, não está, pois tudo quanto se idealizou ainda não se alcançou.

Abril e o seu espírito não foram, ainda, totalmente cumpridos. O esforço de homens como Sá Carneiro, Adelino Amaro da Costa, entre outros verdadeiros patriotas, está a ser absorvido por este sistema.

Sistema que, quase sempre à esquerda, tem governado Portugal nestes últimos 48 anos, onde não vemos mais do que desgoverno, pois, a corrupção e a falta de valores nacionais tem empobrecido Portugal na economia, no espírito e na força da nação.

Portugal merece mais! Não um socialismo que atrasa, corroí e mata uma nação e um povo. 48 anos depois, estamos acorrentados a um sistema que não nos defende nem luta por nós.

Mas eu acredito, acredito que tal como eu, todos os homens e mulheres que lutam contra este sistema instalado e viciado poderão fazer a

diferença e que um dia, e como dizia Fernando Pessoa, cumprir-se-á Portugal.

Viva a Liberdade! Viva o 25 de Abril! Viva Portugal!

Bem haja a todos!

Sofia Botista
Deputada Independente



2ª Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal - 25 de abril 2022

Hoje ao celebramos as importantes conquistas da Revolução dos Cravos, lembramos também os heróis e heroínas, que libertaram Portugal das correntes castradoras de uma ditadura e que lutaram pelos valores da liberdade e democracia de hoje.

Não podemos esquecer este momento histórico, em que podemos afirmar que Portugal vive há mais dias em liberdade do que aqueles em ditadura.

Contudo, atualmente vivemos num contexto geopolítico conturbado, marcado por uma guerra que assola o continente europeu e que nos lembra a todo o momento, que o autoritarismo, a censura, a repressão, o desrespeito pelas liberdades e garantias constituem uma ameaça à autodeterminação dos povos, à integridade territorial e à nossa vida democrática.

"Seremos livres não passá apenas por libertar os outros das correntes [que os prendem] mas, sim, viver de uma forma em que respeitamos e promovemos a liberdade dos outros", Nelson Mandela (vencedor do Prémio Nobel da Paz em 1993)

É importante evocar o passado e homenagear aqueles que fizeram o 25 de Abril - a memória é fundamental na vida de um povo, mas é preciso olhar para o futuro, procurando chegar às gerações mais jovens. Recordar que também foram jovens que ousaram derrubar uma das mais longas ditaduras da europa.

É urgente relembrar a necessidade de fomentar uma cidadania mais participativa e responsável, com vista à construção de uma sociedade que se quer mais justa e democrática.

Nestes 48 anos, é este o constante repto da democracia, o de sabermos incluir sem rotular, o de podermos existir sem destruir a Casa onde vivemos, o de vivermos e nos divertirmos sem para isso termos de maltratar ou vitimar outros.

Num país onde já se concretizou tanto no papel e onde faltam tantos meios para passar do papel à prática, onde falta a monitorização e fiscalização das leis aprovadas - em todas as áreas fundamentais - para construirmos o mundo mais justo.

A liberdade individual e a igualdade de condições são consideradas os principais valores democráticos, cuja consolidação é uma construção diária através da educação, sensibilização e consciencialização para a tomada de perspetiva do outro e para a promoção da empatia.

Cabe a cada um de nós continuarmos diariamente a espalhar as sementes da liberdade, do desenvolvimento e da democracia, que o sabemos todos, sempre foram imperfeitos e por isso não plenos.

Hoje homenageamos todos e todas que têm estado nas lutas pela liberdade;

Hoje, a memória da opressão é lembrada para valorizar a liberdade;



O PAN continuará a lutar pelo compromisso de uma Democracia cada vez mais justa, equitativa, participada e transparente.

Uma democracia que não deixe para trás os Direitos Humanos, a proteção da nossa Casa Comum e todos os animais com quem partilhamos o planeta.

Seguimos juntos, no único caminho possível: o dos dias de Liberdade!

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal!



Paula Costa
(Deputada Municipal)

2.ª Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal da Maia - 25 de Abril de 2022

Intervenção

Exmo. Presidente da Assembleia Municipal,
Exmas. Secretárias da Mesa,
Exmo. Presidente da Câmara Municipal,
Exmos. Vereadores,
Exmos. Deputados Municipais,
Exmos. Convidados,
Exmos. Munícipes e Cidadãos,

Em nome da CDU, apresento os nossos cumprimentos.

Celebrar Abril, é homenagear a resistência, a luta, a liberdade e a democracia

Celebrar o 25 de Abril e o seu 48.º aniversário é celebrar e homenagear todas e todos aqueles que, através das mais variadas formas, desde a luta política, laboral, social e cultural, combateram a Ditadura, o Fascismo, a Censura e a Guerra Colonial, entre os quais se destacam os militantes do PCP e outros democratas, cujas vidas foram ceifadas, como Bento Gonçalves, Dias Coelho, Bento Jesus Caraça e Catarina Eufémia, ou os que, não perdendo a vida, sofreram as mais violentas sevícias às mãos da PIDE/DGS: como as 1755 mulheres presas (sg. registos T.T); os 2510 presos na Cadeia-fortaleza de Peniche; os 340 antifascistas e os 230 anticolonialistas presos no Tarrafal, ou os 30 mil presos que passaram pela Prisão do Aljube e os muitos e muitas mais que havia para enumerar. Celebrar Abril é também homenagear aqueles 800 mil homens, muitos deles na flor da sua juventude, mobilizados para combater numa Guerra Colonial injusta, ilegítima e indesejada.



Celebrar Abril, exige também, mais do que nunca, lembrar o que foi o Fascismo e o que este significou:

- a negação das liberdades políticas e individuais;
- as perseguições, as prisões, as torturas e os assassinatos de opositores políticos;
- décadas de miséria, de pobreza generalizada, de analfabetismo, de falta de cuidados de saúde;
- de discriminação legal das mulheres;
- de corrupção como política de Estado por via da captura e fusão do poder político com o poder económico;
- de atraso económico e de saque de recursos nacionais a favor dos monopólios e latifundiários e da acumulação de fortuna por um punhado de ricos e poderosos;
- de colonialismo, racismo e de guerra.

Celebrar Abril é combater o seu branqueamento e as tentativas de apagamento da sua natureza e alcance das suas conquistas e obreiros, é combater as tentativas de reescrever ou adulterar a História.

Celebrar Abril é ter memória que Abril é fruto de todo um longo percurso construído pela luta de massas da classe operária, da juventude, do povo e de uma profunda resistência e abnegada dedicação à luta pela democracia e liberdade de comunistas e de outros democratas.

Celebrar Abril é lembrar que a força do Povo e das suas aspirações e anseios, e que desde cedo se materializou na aliança POVO-MFA, foram mais fortes do que aqueles que se lhes opunham, que nunca se conformaram e que, ao longo destes quase 50 anos, se desdobram em esforços para destruir, limitar, reduzir e retroceder as conquistas que a Constituição da República Portuguesa consagrou.

Handwritten signature in blue ink, possibly reading 'Ari'.



Handwritten signature in blue ink.

A geração, filha de Abril e das suas conquistas, da qual faço parte, foi a primeira a usufruir daquilo que ficou consagrado na Lei fundamental do nosso País - a Constituição da República: o acesso universal à Saúde, à Educação, a uma Habitação condigna, à protecção social na doença, na parentalidade, no desemprego, a um Emprego com Direitos.

Para esta geração, filha de Abril, comemorá-lo é também sinónimo de luta, pois alguns inimigos da Revolução, mesmo que dissimulados e enfeitados de cravo na lapela, ao longo das últimas décadas, tudo têm feito para impôr retrocessos nessas conquistas contrariando e amputando no seu âmago a própria Constituição Portuguesa em sucessivas revisões ou na sua prática de políticas de direita:

- no campo laboral onde impera a precariedade, os baixos salários e os horários desregulados, deixando-nos muitas das vezes a emigração como alternativa;
- no campo da justiça, em que o acesso, na prática, é desigual e o tempo demasiado longo;
- no campo da educação, onde o desinvestimento em recursos humanos (docentes, não docentes, equipas multidisciplinares) e materiais tem agravado a sua qualidade, em que o acesso ao ensino superior ainda é só para alguns, devido ao valor das propinas e a dificuldade de aceder a bolsas ;
- no campo da saúde pública, que, apesar de sofrer desde há largas décadas desinvestimentos em recursos humanos e materiais, mostrou durante a pandemia ser o pilar fundamental;
- no campo da Habitação, problema que continua por resolver, com dezenas de milhares de famílias e jovens sem condições para aceder a uma habitação a um valor que possam pagar, fruto da especulação imobiliária, mas também do desinvestimento em políticas públicas de habitação;
- no campo da Cultura, que continua sem ser dotada de 1% do PIB, contribuindo assim para o empobrecimento cultural.



Como herança para gerações atuais e futuras, Abril deve ser *“a madrugada que esperávamos, o dia inicial inteiro e limpo”* e não *“a noite e o silêncio”* de onde emergimos do passado transvestido de modernidade, como muitos agora tanto querem fazer crer.

Abril foi e é também património dos que sempre defenderam a paz, a resolução pacífica de todos os conflitos, o anticolonialismo contra o imperialismo e o militarismo. E sendo o PCP um dos seus obreiros, por mais que tentem apagar ou silenciar o papel determinante que teve, este partido esteve e estará sempre do lado da PAZ, da resolução pacífica de todos os conflitos, do desarmamento e da dissolução dos blocos militares e imperialistas, da cooperação e da solidariedade com todos os povos e trabalhadores.

25 de Abril, Sempre!

Fascismo, nunca mais!

Viva o 25 de Abril!

Assembleia Municipal da Maia

2ª Sessão Extraordinária

Exmo Sr presidente da câmara

Exmo Sr presidente da assembleia municipal

Exmas sras secretárias

Exmos Srs vereadores

Exmos Srs presidente da juntas

Exmos Srs deputados

Caros maiatos

**VOTO DE SAUDAÇÃO AO 25 DE ABRIL**

É tempo de lembrar a história da resistência à ditadura e ao colonialismo, convocar à memória os dias da Revolução, de transformação e de esperança que deram origem à democracia portuguesa.

Foi através da ação desencadeada pelos Capitães de Abril, apoiada pelo Povo, que se terminou com a ditadura fascista do Estado Novo, que se pôs fim à PIDE, que se acabou com a censura, que se libertaram os presos políticos e se terminou com a guerra colonial. A Revolução restituiu aos Portugueses os direitos e liberdades fundamentais.

Devemos celebrar as conquistas da Liberdade e dos direitos fundamentais que foram adquiridos, nomeadamente na saúde, que veio proporcionar a criação do Serviço Nacional de Saúde, na educação, que deu lugar à criação da Escola Pública, no direito à habitação e nos direitos dos trabalhadores, dando lugar a uma maior dignidade para quem trabalha.

O 25 de abril não é apenas importante como data simbólica, mas também como um processo de transformação social que modelou o nosso presente. A vitória da liberdade e da democracia contra o fascismo e a opressão permitiram a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna.

As conquistas económicas e direitos de cidadania alcançados com a Revolução não são irreversíveis e devem ser defendidos e protegidos contra a exploração laboral, as discriminações e a violência. Manter vivo o espírito de abril implica aprofundar a democracia e combater as desigualdades e a exclusão social.

Quando o neoliberalismo e a extrema direita lançam a sua sombra de regressão política, social e civilizacional, num ataque frontal às conquistas de Abril, manter viva esta celebração é continuar a defender a Constituição da República de abril. E fazêmo-lo em solidariedade e intercâmbio com os povos da Europa e do mundo que hoje enfrentam a mesma ameaça de retorno à barbárie e a combatem.

No ano em que voltamos a poder celebrar o 25 de abril de uma forma mais próxima da "normalidade" pré-pandemia, reiteramos a defesa dos valores da liberdade, democracia e solidariedade. Porque manter viva a lembrança simbólica desse marco fundador da democracia é, igualmente, continuar a manter viva a luta pela conquista de mais direitos e de uma vida mais justa para todos e todas.

Assim, saudamos o 48º aniversário da Revolução de Abril, bem como as comemorações do 50º aniversário que decorrerão entre 2022 e 2025, prestando tributo a todas e todos aqueles que se envolveram na luta contra a ditadura e o fascismo e se empenharam pela democracia social e laboral e pela implementação do Estado social.

O Grupo Municipal do Bloco de Esquerda

Jorge Santos

Sérgio Sousa



Sessão Solene Comemorativa do 25 de Abril de 1974

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal e Sras. Secretárias

Exmo Sr. Presidente da Câmara e Srs. Vereadores

Estimados Deputados e Deputadas desta Assembleia Municipal

Exmos Srs. Presidentes de Juntas de Freguesia e demais elementos de Assembleias de Freguesia

Estimados representantes de Forças de Autoridade

Estimados representantes do Movimento Associativo e demais forças vivas do Concelho

Exmas. Convidadas e Exmos. Convidados

Caras maiatas e caros maiatos

*Foi então que Abril abriu
as portas da claridade
e a nossa gente invadiu
a sua própria cidade.*

(...)

*Foi esta força viril
de antes quebrar que torcer
que em vinte e cinco de Abril
fez Portugal renascer.*

(...)

*Mesmo que tenha passado
às vezes por mãos estranhas
o poder que ali foi dado
saiu das nossas entranhas.*

(...)

*E se esse poder um dia
o quiser roubar alguém
não fica na burguesia
volta à barriga da mãe.
Volta à barriga da terra*

*que em boa hora o pariu
agora ninguém mais cerra
as portas que Abril abriu.*

(Ary dos Santos, 1975)

Estamos aqui no dia de hoje para evocar o dia 25 de Abril de 1974, o “*dia inicial inteiro e limpo*” assim descrito por Sophia de Mello Breyner. E estas palavras do poeta Ary dos Santos evocam-nos as portas que a revolução de Abril abriu à sociedade portuguesa, portas que nos trouxeram ao Portugal de 2022. Algumas delas abriram-se logo em '74, outras ficaram apenas entreabertas. E, desde Abril de 1974, outras portas, que nem pensávamos que pudessem estar ao nosso alcance, foram abertas de par em par para a Democracia e para a Igualdade de Oportunidades.

Uma dessas portas foi a porta da Europa. Falar hoje em cidadania e identidade é também falar de uma identidade europeia e uma cidadania global. Nos dias de hoje, ser português é também ser europeu. E do lado de lá desta porta são tantas as oportunidades que nos surgem: estudar, trabalhar, deslocarmo-nos de uma forma livre por todo o espaço europeu. Ser europeu hoje é ser verdadeiramente global; mas é simultaneamente manter uma identidade nacional. É nesta dicotomia entre a identidade nacional e a identidade europeia que se constrói esta União, na consciencialização que é nas nossas diferenças que encontramos aquilo que mais nos une. Há uma realização plena no conceito de um espaço europeu comum a todos os cidadãos da União Europeia. Mas a Europa não se esgota nestas novas oportunidades. É sobretudo uma porta de solidariedade, de entreajuda entre povos numa lógica de desenvolvimento sustentável para todos, lutando em todos os momentos pela Liberdade e pelo direito à autodeterminação de todos os povos. Não tenhamos dúvidas, sem Abril nunca esta porta europeia se teria aberto para Portugal e é por esse motivo que a integração europeia é também ela uma conquista de Abril.

A Revolução de Abril foi uma revolução protagonizada por homens; mas foi precisamente a Revolução que abriu também as portas da cidadania plena para as mulheres. Se hoje a igualdade de género não é um tema tabu, a Abril o devemos. Foi graças a Abril que a mulher ultrapassou os papéis tradicionais de esposa e de mãe, passando a ser considerada como cidadã plena, com igualdade de direitos. É graças a Abril que hoje as mulheres podem exercer livremente o seu voto; é graças a Abril que hoje as mulheres se podem realizar profissionalmente; é graças a Abril que hoje as mulheres não dependem da autorização de ninguém para serem verdadeiramente livres. É também graças a Abril que encontramos mulheres em todos os níveis de ensino. É graças a Abril que hoje encontramos mulheres em Conselhos de Administração de empresas, que encontramos mulheres no exercício de cargos públicos e nos órgãos de Soberania e da Administração Local. Mas não nos iludamos que a igualdade de género se esgota nestas conquistas, pois se Abril abriu esta porta, ainda nos falta um longo caminho para que ela se concretize plenamente, desde logo,



por exemplo, na questão da desigualdade salarial que ainda é uma realidade do nosso país. Afinal, Abril é uma missão ainda em construção.

O ex-Presidente da República General Ramalho Eanes dizia que *“a República de abril oferece todas as liberdades, mas esqueceu-se que é necessário criar cidadãos, sobretudo através da educação. Pouco se fez para que a cidadania adulta, exigente e participativa existisse”*(Castelo Branco, maio de 2016). O exercício da cidadania ativa é, mais do que um direito, um dever de todos. Mas o exercício da cidadania não se esgota nos atos eleitorais, pois contempla muito mais do que o exercício do direito de voto. A cidadania é também a participação esclarecida, o acesso à informação, o conhecimento de direitos e deveres, mas é ainda muito mais do que isso. É ter um olhar atento para a Cultura! E só a Educação, livre e esclarecida, pode manter bem aberta essa porta; a Educação para a Cidadania, que transcende em muito o espaço das nossas escolas. A Educação para a Cidadania que se faz nas ruas, nos órgãos de participação democrática, aqui mesmo nesta Assembleia e em todas as Assembleias Municipais do nosso país. A Educação para a Cidadania que está nas nossas mãos. Como nos lembram as palavras de Manuel Alegre, *“nas tuas mãos começa a Liberdade”* (in *“O Canto e as Armas”*, 1967).

A construção da Democracia é uma tarefa constantemente inacabada. Se em 1974, foram os Capitães do Movimento das Forças Armadas quem nos abriu as portas, hoje cabe a cada um de nós, cidadãos conscientes e no exercício de uma cidadania ativa, esclarecida e participada, manter bem abertas essas portas que Abril abriu. É essa a nossa missão enquanto cidadãos defensores da Liberdade e herdeiros dos valores de Abril. Que cada um de nós faça de todos os nossos dias *“um dia inicial inteiro e limpo”*, *“um despertar da noite e do silêncio”*. Que o 25 de Abril seja todos os dias, construindo diariamente uma Democracia plena e participada, no respeito pelos Direitos Humanos, de um modo particular por aqueles que servem de base a todos os outros: a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade entre povos.

Caras amigas e caros amigos, é citando Ary dos Santos que termino:

*De tudo o que Abril abriu
ainda pouco se disse
e só nos faltava agora
que este Abril não se cumprisse.*

Maia, 25 de Abril de 2022

Pelo Grupo Municipal do Partido Socialista

Cristiana M. Carvalho

Assembleia Municipal da Maia
Sessão Solene do 48º Aniversário do 25 de Abril de 1974
Deputada Carolina Carvalho
25.4.2022



Exmo, Senhor Presidente da Assembleia Municipal,
Exmo. Senhor Presidente da Camara Municipal,
Exmas. Vereadoras e Vereadores
Exmas. Sras. Secretárias da Mesa,
Senhoras Deputadas e Senhores Deputados,
Caras maiatas e caros maiatos.

Quando nasci, a revolução de Abril de 1974 tinha acontecido há 21 anos. Portugal era já uma democracia adulta e consolidada nos seus princípios e valores fundacionais, e para todos os da minha geração qualquer outro regime que não o democrático seria já algo absolutamente inconcebível e inimaginável.

Porém, não tendo eu vivido o que foram os anos da ditadura nem tampouco o processo de democratização que se seguiu a partir de 1974, a verdade é que o 25 de Abril – esse “dia inicial, inteiro e limpo” nas palavras luminosas de Sophia de Mello Breyner – foi uma memória que herdei desde muito cedo. Que herdei, acarinhei e que tomei como minha, como se a tivesse experienciado eu própria.

Devo isso ao meu Avô paterno, um maiato de corpo e alma, um homem convictamente de esquerda, ele sim, que viveu na primeira pessoa o entusiasmo e o fervor libertadores daquela revolução tão originalmente portuguesa, feita com cravos, em vez de balas.

Permitam-me esta referência tão pessoal:

Numa das últimas conversas que tivemos, o meu Avô falou-me com orgulho de como foi o primeiro deputado eleito pela Aliança Povo Unido para a Assembleia de Freguesia da Maia. Foi a sua maneira de me dizer que sentia que tinha participado no dealbar da nossa democracia, que tinha dado o seu contributo cívico e democrático à terra que tanto amava.

Mas também foi a sua maneira de me dizer o orgulho que sentia, agora, por ser eu também uma deputada ao serviço da população maiata. Era

indiferente, para ele, que o Partido pelo qual fui eleita estivesse muito distante das suas convicções e das suas visões políticas. Porque, para ele, democracia era muito isso: liberdade de escolha, pluralidade de opiniões, respeito pelas ideias dos outros.

Neste ano em que se comemoram os 48 anos do 25 de Abril de 1974, conforta-me muito saber que o meu Avô - e como ele, tantos homens e mulheres das gerações que fizeram a Revolução dos Cravos - viveu, também ele, mais dias de democracia do que ditadura.

Só faz sentido comemorar o 25 de Abril se for para reafirmar e concretizar as suas conquistas e os seus valores democráticos. Se for para pôr esses valores em prática, no dia-a-dia, em todas as vertentes da nossa vida.

Comparar o que tínhamos antes do 25 de Abril com o que temos hoje parece-me um exercício estéril e anacrónico. É incontestável que há um mundo que separa o Portugal da ditadura do Portugal democrático.

Basta pensarmos na criação do Serviço Nacional de Saúde, na educação universal e gratuita, nos mecanismos de proteção social, no pluralismo político, na liberdade de expressão, na liberdade de iniciativa, na igualdade de oportunidades, na integração europeia, na salvaguarda dos direitos e liberdades fundamentais. Comparar o antes e o depois, é o mesmo que comparar a escuridão com a luz. Faz pouco sentido.

48 anos de regime democrático deve desafiar-nos para outras reflexões.

Neste momento, o que devemos questionar é se, enquanto País, estamos onde podíamos e devíamos estar.

O que devemos questionar é se fizemos e estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para termos um Portugal melhor, mais próspero e mais justo.

O que devemos questionar é se estamos a corresponder a todas as expectativas e possibilidades que Abril nos abriu.

A resposta parece-me óbvia.

Mesmo sabendo que a democracia é um processo reformador em curso e, por isso, algo eternamente inacabado, que se constrói todos os dias, já todos sentimos a desilusão e o desalento ao ver que há problemas que se mantêm por anos e décadas, ao vermos que em muitas áreas retrocedemos

de
f
M

em vez de evoluir, ao verificarmos que permanecem desequilíbrios e aumentam desigualdades, ao constatarmos a incapacidade dos mais diversos poderes em responder às reais necessidades das pessoas.

Falo da crónica falta de recursos do SNS, que coloca em causa o acesso das pessoas aos cuidados de saúde; falo nos atrasos da justiça com processos que se arrastam durante anos; numa máquina do Estado ultra-pesada e hiper-burocrática geradora de ineficiências e entropias; nas bolhas de pobreza e de exclusão social que persistem; na falta de coesão territorial, inexplicável num país da nossa dimensão; na excessiva carga fiscal que esmaga famílias e empresas; na fraca competitividade da nossa economia; nos baixos salários dos nossos trabalhadores, sobretudo quando nos comparamos com os nossos parceiros europeus mais diretos.

E falo, por razões que compreenderão, nos problemas próprios que afetam de maneira especial a minha geração:

- Na quase total impossibilidade da emancipação jovem, em grande parte devido à dificuldade de arrendar ou comprar casa própria a preços comportáveis por quem está em começo de vida;
- Na precariedade e baixos salários para quem está a entrar no mundo do trabalho, situação que, na maioria dos casos, se prolonga por longos anos-
- No desfazamento gritante entre as ofertas de emprego e a formação académica daquela que é considerada a geração mais qualificada de sempre.

48 anos de regime democrático deve fazer-nos questionar por que é estes problemas subsistem, e em certos casos até se agravam.

Mas mais do que isso: 48 anos de democracia deve dar-nos a coragem para encarar de frente o que está mal e, simultaneamente, dar-nos a confiança para mudar o que tem que ser mudado. O poder transformador do 25 de Abril reside, em grande parte, nesta capacidade de mudança, individual e coletiva, de que cada um de nós é portador.

O Poder Local é, justamente, uma das mais significativas e bem-sucedidas mudanças que o 25 de Abril trouxe à vida dos portugueses. Pelo que significa de proximidade entre eleitores e eleitos, e pelo que significa de colocar o destino das nossas freguesias e municípios nas mãos do povo e dos seus mais diretos representantes.

Nós, Maiatos, podemos afirmar com orgulho que temos feito um bom uso desta conquista de Abril.

Ao longo destas quase cinco décadas de democracia, o concelho da Maia transformou-se, desenvolveu-se, modernizou-se sem nunca perder o traço de comunidade que liga todos quantos os que aqui nascem ou escolhem esta terra para viver, estudar, trabalhar ou empreender.

Com o contributo de todos - autarcas, famílias, empresas, instituições -, a Maia proporciona hoje um nível de qualidade de vida e de bem-estar que, infelizmente, a maioria dos municípios portugueses ainda não logrou alcançar.

Senhores deputados,

O 25 de Abril encerra em si uma mensagem de promessa que é muito uma mensagem de juventude. E é para os jovens que gostava de dirigir estas últimas palavras.

Na vida, nada é garantido, nada devemos ter por garantido. Infelizmente, a democracia, a liberdade e até a paz também não o são.

Vivemos num tempo em que estes valores, que julgamos intocáveis e acima de qualquer disputa, são diariamente ameaçados e atacados: de várias formas, de muitos lados, muitas vezes de onde menos se espera. Quase sempre de forma dissimulada. Outras vezes, com o estrondo de um canhão ou de uma metralha.

Há precisamente 61 dias, a guerra na Ucrânia veio sobressaltar as nossas vidas e as nossas certezas. Desde a 2ª Guerra Mundial que o território europeu não assistia a uma agressão com esta violência e brutalidade, espalhando a morte, o terror e a destruição entre o heroico povo ucraniano, que não se rende nem desiste de defender o seu País. A Rússia não está apenas a invadir e a atacar a Ucrânia. Está a atacar os valores da democracia e da liberdade, exatamente os mesmos que nós aqui hoje celebramos. Defender o contrário é defender o indefensável, é colocar-se irremediavelmente do lado errado da história.

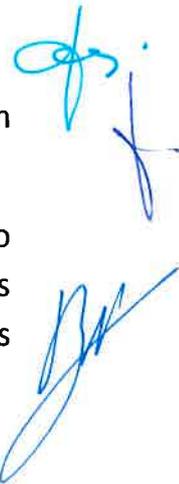
Apesar de todos os seus defeitos, limitações e contradições, a democracia é o único sistema que nos permite, por exemplo, estar aqui hoje a comemorar livremente uma data que nos diz muito, como é o 25 de Abril. Mas também é o único que nos permite coisas mais simples,

aparentemente banais, como escolher um livro, ver um filme, estar com quem queremos.

A democracia tem falhas, é verdade. Mas ainda não inventaram outro sistema melhor, mais satisfatório, mais perfeito. É este o sistema que temos de defender. Não temos outro, por mais que nos queiram vender, nos extremos da esquerda e da direita, paraísos alternativos.

Maia, 25 de abril de 2022

Carolina Carvalho
Coligação Maia em Primeiro





DISCURSO DO SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA NAS COMEMORAÇÕES DO 48º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

Permitam-me uma palavra prévia de agradecimento, a todos os Trabalhadores da Câmara Municipal que, em equipa, tornaram possível esta cerimónia.

Agradeço também ao Coro Infantil da Maia Pequenos Cantores da Maia, ao Conservatório de Música da Maia, às Bandas de Música, à Cruz Vermelha Portuguesa, à Polícia Municipal, à Proteção Civil e aos Bombeiros.

Muito obrigado a todos pelo vosso contributo, para quem peço uma grande salva de palmas.

- Começo por saudar o Senhor Presidente da Câmara Municipal da Maia
- Saudar as Senhoras Secretárias da Mesa
- Exmas. e Exmos. Deputadas e Deputados da Assembleia Municipal da Maia;
- Exmas. e Exmos. Vereadores;
- Exmas. e Exmos. Presidentes de Junta de Freguesia;
- Exmos. Representantes das Forças Políticas;
- Exmos. Representantes das diversas Instituições Civas, Militares e de Segurança aqui presentes;
- Exmo. Senhor Provedor do Município;
- Exmos. Representantes das Associações e Coletividades,
- Ilustres Convidados;
- Uma Saudação especial a todos aqueles que estão a assistir a esta Cerimónia a partir de casa, pelos meios digitais;
- Estimados Representantes dos Órgãos de Comunicação Social;
- Minhas Senhoras e meus Senhores;

Começo por agradecer a presença de todos nesta cerimónia: Muito Obrigado!

Agradeço a Vossa presença porque é importante, diria mesmo imprescindível, nos dias de hoje, honrar o legado dos mentores do 25 de Abril, contribuindo para a



consolidação da democracia e cultivar, nas gerações futuras, a importância da participação de todos, nos desígnios da sociedade.

Ao longo das últimas décadas da minha vida, dedicadas em exclusivo à Causa Pública, tenho encontrado a cada ano, nesta data, novos desígnios, objetivos e propósitos para celebrar o aniversário desta data histórica - o 25 de Abril.

Foram muitos e desafiantes os momentos que, nas últimas cinco décadas, enquanto Povo, tivemos que ultrapassar.

Relembrando apenas o século XXI, assolam-me à memória, entre outros, alguns destes desafios nacionais:

- em 2008 - a ameaça à estabilidade económica por força da pressão sobre a dívida soberana;
- em 2011 - o Programa de Assistência Externa a que fomos submetidos (a Troika);
- em 2017 - a tragédia dos incêndios;
- Desde 2020 - a pandemia que causou inúmeros problemas ao sistema de saúde e à nossa economia;
- Em 2022 - a invasão da Ucrânia.

A propósito da invasão da Ucrânia, permitam-me que expresse aqui, publicamente, o meu reconhecimento pessoal e institucional à Câmara Municipal e a toda a Comunidade Maiata, no recente acolhimento a cinquenta e duas Mulheres, Crianças e Idosos ucranianos.

De igual modo, realço a exemplar congregação de esforços que permitiu prestar ajuda humanitária a ucranianos deslocados pela guerra.

Não é demais prestar homenagem pública a tantos Voluntários, Doadores, Empresários, coletividades e representantes das Instituições concelhias que se envolveram nesta ajuda humanitária.



Senhor Presidente da Câmara,
Senhoras e Senhores Deputados,
Minhas Senhoras e meus Senhores,

Os tempos que se avizinham não serão fáceis.

Não só porque, hoje, fazer previsões é quase impossível, mas principalmente, porque há uma guerra no espaço europeu, cujo desfecho ninguém conhece. Contudo, nenhum de nós terá dúvidas que os seus impactos económicos e sociais serão profundos, extensos e prolongados.

Numa análise com algum distanciamento, independente de matrizes ideológicas ou filiações partidárias, julgo poder representar a maioria dos presentes ao reconhecer a SOLIDARIEDADE, a RECIPROCIDADE e o HUMANISMO como as chaves da ESTABILIDADE DEMOCRÁTICA, do DESENVOLVIMENTO e da RESPONSABILIDADE no contexto da Sociedade das Nações.

SOLIDARIEDADE, RECIPROCIDADE e HUMANISMO:

- Foram estes três pilares que ampararam os mais desfavorecidos nas situações de crise.
- Foram estes mesmos pilares que evitaram a desacreditação social nas Instituições e, no limite, no regime democrático, em momentos de crise.
- Foram estes 3 pilares que projetaram o espírito de coesão social e de partilha, com o mínimo de ruturas, facilitando a ação governativa, contrastando positivamente com situações congéneres em outras geografias.

Num mundo cada vez mais acelerado, incerto e até mesmo inesperado à escala planetária, permitam-me aqui reforçar o papel desses três pilares na construção da nossa Democracia.

Acredito que é, ainda neste triângulo, que as políticas Educativas, Sociais, Económicas, Ambientais e até mesmo de Soberania, encontram o equilíbrio que permite imunizar o regime, a tentações populistas que possam ameaçar a Democracia.



A cada pessoa, a cada governante, passando pelas famílias, pelas instituições e, naturalmente, pelo poder local, aqui tão bem representado, devemos apregoar que a solidez de uma sociedade, (e já agora de um regime, que hoje se invoca) depende sobretudo das PESSOAS.

Faz hoje um mês e um dia que a idade da Democracia em Portugal, superou a duração da ditadura!

Este marco é motivo de regozijo coletivo, por tudo quanto representa. Porém, este mesmo marco deve responsabilizar-nos a todos!

Devemos assumir a maturidade da nossa democracia, assim como a coragem para as reformas necessárias à sua consolidação, sabendo que a inércia ou o imobilismo representam, por si, ação por negligência.

Na qualidade, na oportunidade e na responsabilidade que aqui e agora me assistem, peço aos presentes um reforço da participação cívica centrada nas Pessoas e no Humanismo, a bem dos nossos filhos, de Portugal e da influência que possamos gerar no mundo.

Enquanto autarca nutro uma imensa gratidão, pela honra que as minhas concidadãs e os meus concidadãos da Maia me têm concedido, ao serviço do poder local democrático.

Digo "servir", inspirado pelas palavras do Papa Francisco, enquanto referência religiosa, política e social à escala global, quando nos relembra que "... o verdadeiro poder é o serviço...". No presente caso refiro-me concretamente a servir os Municípes e a servir a Maia!

Hoje é dia de celebrar e perpetuar o passado democrático.

Contudo, para que isto aconteça, temos que acautelar o futuro.



dsj
BPA

Assim, partilho hoje a minha redobrada preocupação com o futuro dos mais desfavorecidos, dos mais frágeis e dos mais vulneráveis.

O meu pensamento está sempre com aqueles a quem a falta de saúde, a solidão e os poucos recursos, de alguma forma, lhes bateram à porta.

Estas pessoas são aquelas que mais temos de proteger em tempos de crise, que agora a guerra veio agravar.

É por essa razão que vos peço, para que no seio da nossa comunidade, todos, todos sem exceção, façamos um esforço por nos unirmos em torno do essencial que nos aproxima e fortalece coletivamente, ajudando a construir consensos facilitadores das soluções, para os problemas que teremos de enfrentar. Termino tal como comecei: agradecendo a Vossa presença!

Agradeço a todos aqueles que defendem a "causa pública" e que nunca esqueceram a Liberdade e a Democracia.

Todos temos de saber usar esses valores que o 25 de Abril nos trouxe para praticar a Justiça Social e, desse modo, reforçarmos a Coesão Social da Maia, assumindo essa que é a maior responsabilidade política, que primeiramente cabe, a todos os representantes do poder local democrático.

Muito obrigado a Todos!

Viva a Democracia!

Viva a Maia!

Viva Portugal!